

O PECADO DA GUEIXA

Susan Spann

O PECADO DA GUEIXA

Tradução
Dina Antunes

CLU
BEI
AUT
OR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais é pura coincidência.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2017, Susan Spann
Direitos para esta edição:
© 2018, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedautor.pt

Título original: *Claws of the Cat*
Autora: Susan Spann
Tradução: Dina Antunes
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Eigal (Portugal)

ISBN: 978-989-724-342-2
Depósito legal: 441828/18
1.ª edição: Junho, 2018

www.clubedautor.pt

Para a minha mãe, Paula,
que sempre acreditou que eu era capaz de escrever este livro.

E para o meu filho, Christopher,
que se certificou de que eu o escrevia corretamente.

Capítulo 1

Com as mãos entrelaçadas e a cabeça baixa em meditação, o padre Mateus atravessou o estreito pátio; os ombros arqueados para se proteger do frio da madrugada. Em Quioto, as duas primeiras semanas de maio tinham sido quentes; contudo, naquele instante, a mudança para o quimono de verão parecia-lhe um pouco prematura.

Na outra extremidade do jardim, uma sombra serpenteou por cima do muro e foi pousar numa cerejeira, produzindo tanto ruído quanto o provocado por uma brisa de primavera a agitar as suas folhas.

O padre continuou o caminho, não dando conta de nada.

Passou pelo lago das carpas *koi* sem uma olhadela sequer. Estava ainda demasiado escuro para observar os peixes. Junto ao muro traseiro do jardim, o jesuíta benzeu-se e ajoelhou-se diante da estátua de um homem pregado a uma cruz. Os joelhos do padre afundaram-se no solo húmido ao mesmo tempo que baixava a cabeça em fervorosa oração.

A sombra trepou a árvore. As folhas molhadas pela chuva e a cortiça escorregadia tornavam a subida traiçoeira, mas o *shinobi* nem hesitou. As mãos e os pés encontraram pontos de apoio onde nenhum outro homem os teria visto.

Um ramo estendia-se por cima do lago das carpas *koi* e da casa. O assassino esticou o corpo ao longo da perna da árvore sem desalojar uma folha.

E aí esperou.

Os minutos passaram. Com a chegada da aurora, o céu a leste tornou-se púrpura. Um dos peixes saltou no lago e um delicado chape ecoou pelo quintal.

Os lábios do padre moviam-se sem emitir qualquer som.

Os olhos negros do *shinobi* reluziram nas profundezas do seu capuz.

Ao mesmo tempo que o céu empalidecia, o padre Mateus concluiu as orações da manhã. Ergueu-se, sacudiu a terra e as folhas do quimono castanho, e em seguida enrugou o semblante ao reparar nos círculos húmidos no lugar dos joelhos. Quando a humidade não desapareceu depois de esfregada, ele encolheu os ombros, fez uma vénia à estátua e voltou-se para a casa de madeira que lhe servia de habitação e de igreja.

A respiração do *shinobi* abrandou ao ponto de nem a sua túnica azul-escura se mover.

O padre Mateus passou pelo lago sem se deter. Quando chegou perto da árvore, o assassino deixou-se cair para o caminho quase sem produzir qualquer som e colocou a delicada mão sobre o ombro do jesuíta.

O padre virou-se, sobressaltado. As mãos do *shinobi* elevaram-se em posição de defesa ao ver a expressão tensa do padre, que logo relaxou ao reparar que o reconhecia.

— Hiro! — exclamou o padre Mateus. — Quantas vezes tenho de te dizer para não fazeres isso?

Olhos negros brilharam no interior do capuz do *shinobi*.

— Deixarei de o fazer no dia em que já não o surpreender.

O jesuíta franziu o sobrolho.

— Passaste novamente a noite toda fora?

Hiro desenrolou o pano que lhe tapava a boca e empurrou o capuz para trás.

— Não respondo a esse tipo de perguntas, já se esqueceu? — Levou a mão à bolsa que trazia presa à cintura. — Trouxe-lhe uma coisa.

— Além do ataque de coração? — indagou o padre Mateus.

Hiro arqueou uma sobrancelha e retirou um pequeno objeto escuro que se contorceu.

— *An presenta* — disse ele em português.

— Um presente — corrigiu o padre. O português de Hiro era surpreendentemente bom, levando em consideração que o *shinobi* só estudava a língua há dezoito meses. O japonês do padre era bem mais imperfeito, apesar dos dois anos de estudo antes da sua chegada e dos dezoito meses em que já vivia em Quioto.

— Presente — repetiu Hiro.

O presente debateu-se e miou.

O padre Mateus deu um passo atrás.

— É um gato!

— Pequenino — acrescentou Hiro. Começou a falar em japonês. — Como já percebi que conversa com os peixes, pensei que gostasse de ficar com ele.

O padre mudou também de língua, seguindo a deixa de Hiro.

— Onde encontraste o gato?

— Abandonado junto ao canal. A cor não traz sorte, mas o padre diz não acreditar na sorte.

— É Deus quem controla o meu destino — declarou o padre Mateus —, mas com ou sem sorte, não posso ficar com o gato. Os felinos fazem-me espirrar.

Hiro olhou para a inquieta bola de pelo.

— O que devo fazer? Não quero que morra.

— Tornaste-te budista de um dia para o outro? — O padre Mateus riu-se da própria piada.

— Ora, sabe que não é por isso. — Hiro olhou para o gatinho com o semblante franzido. — Precisa de uma casa.

— Eu não posso tocar-lhe, mas o animal é bem-vindo. Passará a ser o teu gato, se o quiseres.

O gatinho revirou-se na mão de Hiro e arranhou-lhe o braço. Este encostou-o ao peito para que parasse de se debater.

O gato emitiu um miado abafado.

— Estás a esmagá-lo — alertou o jesuíta.

— Estava a espetar-me as garras — retorquiu Hiro. — Diria que ficamos quites.

O gatinho começou a ronronar. Recolheu as garras e relaxou nas mãos de Hiro. Este olhou para o pequeno amontoado de pelo cor de laranja e preto-marmorizado. Uma zona branca reluzia no pescoço do gatinho, que o fitava com olhos esverdeados.

Pancadas ruidosas oriundas da porta ecoaram no silêncio da manhã.

— Abra! — gritou uma voz de homem. — Preciso do padre estrangeiro!

— Quem insultou desta vez? — Hiro arqueou uma sobrancelha na direção do jesuíta.

O padre Mateus dirigiu-se para a casa.

— Ninguém, que me recorde, pelo menos não intencionalmente.

Apenas uma mancheia de estrangeiros tinha a permissão do xógum para viver e trabalhar na capital japonesa. Muitos samurais consideravam até essa limitada presença uma coisa ofensiva.

— Ao menos não são homens do xógum Ashikaga, ou do imperador. — Hiro seguiu o padre até ao alpendre de madeira que contornava o perímetro da casa.

Os homens descalçaram as chinelas e pisaram a madeira macia e desprovida de pintura.

— E como sabes tu isso? — perguntou o padre Mateus.

Hiro acompanhou o padre até ao interior da casa.

— O imperador e o xógum não batem à porta.

A divisão que servia de quarto e estúdio possuía um nicho embutido, ao invés de uma secretária, e não se via qualquer peça de mobiliário ocidental. Apenas o crucifixo, pendurado no *tokonoma*, dava a entender que o ocupante daquele espaço era estrangeiro. Embora a missão jesuíta tivesse comprado a casa a uma família japonesa há dois anos, na primavera de 1563, o padre Mateus vivia como japonês e permitira poucas alterações.

O padre atravessou o quarto, fez deslizar a porta de correr e entrou na divisão central. O espaço aberto no centro da casa possuía uma lareira afundada e esteiras no chão, e servia como sala de estar, cozinha e igreja. O jesuíta virou à direita, em direção à pequena área de entrada e passou a mão pelo cabelo castanho-escuro.

Virou-se para olhar para Hiro.

O *shinobi* tinha desaparecido para o seu quarto, que partilhava uma parede com o quarto do padre. Hiro não podia deixar que ninguém o visse com o traje de assassino. Além disso, um mensageiro iria achar estranho encontrar os residentes da casa levantados e alerta àquela hora da madrugada.

O padre Mateus levou uma vez mais a mão ao cabelo, mas deu-se conta do que ia fazer e deteve-se. Virou-se para a porta e gritou:

— Quem está aí?

O sotaque português costumava confundir as pessoas, mas daquela vez a voz respondeu de imediato.

— Mateus Ávila dos Santos? Requerem a sua presença na Casa de Chá Sakura.

O padre abriu a porta.

— Tão cedo?

O visitante envergava um quimono simples, atado na cintura com um *obi* largo. Tinha um punhal pendurado na anca, mas não trazia espada. O cabelo muito curto começava a rarear, uma situação tornada mais óbvia pelo facto de a sua cabeça ficar ao nível do peito do jesuíta.

O mensageiro assustou-se ao ver o padre estrangeiro, mas recuperou a compostura mais depressa do que a maioria.

— Houve um crime. Um homem foi morto.

— E a vítima era um dos meus alunos? — Perante estranhos, o padre Mateus evitava o termo «convertido».

— Não. O assassino pediu para o ver.

— O assassino?

O mensageiro fez que sim com a cabeça.

— Sayuri, uma artista.

O padre Mateus recuou um passo e abanou a cabeça.

— Isso é impossível. A Sayuri nunca mataria ninguém.

— Matou, e ainda por cima um samurai. É melhor vir depressa, se quiser vê-la.

— Mas vai cometer suicídio? — perguntou o jesuíta.

— É melhor apressar-se — repetiu o mensageiro. — Ela não tem muito tempo.

Hiro emergiu do quarto envergando um quimono de seda cinzento-azulado e um par de espadas. A *wakizashi*, a espada curta, presa no *obi*, enquanto a mais longa, a *katana*, atravessada no cinturão com a bainha de bambu envernizada de preto se destacava vários centímetros atrás das costas. Estranhamente, o *shinobi* também conseguira apanhar o comprido cabelo no coque típico dos samurais. Não havia um fio fora do lugar.

O mensageiro abriu muito os olhos ao avistar o samurai. Ajoelhou-se e encostou a testa à terra.

— Levanta-te — ordenou Hiro ao chegar à porta. — Onde fica a Casa de Chá Sakura?

O mensageiro ergueu-se e desenhou uma vénia profunda, curvando-se pela cintura.

— Honorável senhor, fica nesta margem do rio Kamo, na Shijō Road, a leste de Pontocho. É a terceira casa a oriente da ponte. Irá reconhecê-la pelos cães de pedra que decoram o quintal.

Hiro lançou-lhe um olhar carrancudo.

— Eu levo o padre. Podes ir.

O mensageiro curvou-se mais duas vezes e afastou-se em passo rápido.

— Podíamos ter ido com ele — protestou o padre Mateus quando Hiro fechou a porta.

— Um samurai não segue plebeus. — Hiro fitou o padre dos pés à cabeça. — Mais importante do que isso, esse é o seu quimono velho e tem de colocar as espadas.

— Sabes que não gosto de as usar, e temos de nos apressar.

— Porque perdi tempo a ensiná-lo a manejá-las, se não as usa? — Hiro abanou a cabeça à teimosia do jesuíta. — Não importa. Tal como acabou de dizer, temos de nos despachar. Mude de quimono e traga as espadas.

— Mas as espadas são tão importantes porquê?

— Há dois anos no Japão, e ainda pergunta?

O padre cruzou os braços diante do peito.

Hiro apontou para a porta.

— Viu como ele reagiu quando eu apareci. Apenas os samurais têm o direito de usar duas espadas e de fazer com que os outros obedeçam às suas ordens. O édito do xógum concede-lhe o posto de samurai, e hoje deve usá-lo. Se essa mulher estiver em apuros, precisará das espadas para a salvar.

— Temos as tuas — lembrou o padre.

— As minhas são pagas para o proteger — lembrou Hiro. — O meu clã e eu nada devemos a uma rapariga que não conhecemos.

E temos todas as razões para a deixar morrer se com isso salvarmos a sua vida, pensou.

Mas não o proferiu em voz alta.